

# ANTONIO CÂNDIDO E O FENÔMENO LITERÁRIO

**João Ribeiro Júnior**

( Professor do IAC/PUCCAMP )

Antonio Cândido, perante a realidade histórico-cultural brasileira, se apresenta como um intelectual radical, em sua oposição drástica às formas do pensamento reacionário, como as filosofias idealistas, a sociologia cultural e a literatura personalista. Entendendo a literatura como reorganização do mundo em termo de arte, explica o fenômeno literário como fenômeno social, dependente da situação da cultura, que depende, por sua vez, das variações da estrutura social. Assim, para ele, o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando-se deste modo o hiato freqüentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas.

## Introdução

Este estudo não pretende analisar em detalhe a visão estética de Antonio Cândido de Mello e Souza sobre o fenômeno literário nem fazer a crítica de sua proposta de um modelo teórico para uma História da Cultura no Brasil, apenas visa fornecer subsídios para uma abordagem ao seu pensamento crítico, em busca do significado de sua experiência da exegese literária, na pretensão de proporcionar uma referência de estímulo às novas pesquisas sobre sua produção teórica.

Antonio Cândido, perante a realidade histórico-cultural brasileira, se apresenta como um intelectual radical, em sua oposição drástica às formas do pensamento reacionário, como as filosofias idealistas, a sociologia cultural e a literatura personalista.

Essa postura radical é bem assinalada, principalmente quando faz a crítica à sociologia cultural, entendida como aquela "que, de um modo ou de outro, subordina a idéia de cultura à noção de ciclo, de estrato ou

de círculo.”<sup>1</sup> Para ele, as últimas obras de Gilberto Freire “descambam para o mais lamentável sentimentalismo social e histórico; para o conservadorismo e o tradicionalismo. Enamorado do seu ciclo cultural luso-brasileiro (Gilberto Freire) é levado a arquitetar um mundo próprio, em que se combine o progresso com a conservação dos traços anteriores característicos. Tudo está justificado se trouxer a marca do mundo que o português criou e que nós vamos desenvolvendo e preservando, sim senhor, com a ajuda de Deus, e de todos os Santos unidos. O mesmo movimento que o leva a gostar das goiabadas das tias e dos babados da prima Fulana o leva gostosamente a uma democracia patriarcal...”<sup>2</sup>

E esse seu pensamento “radical de classe média” vai-se manter eqüidistante das vertentes ideológicas mais significativas dos últimos tempos, que reduziram à nulidade toda a possibilidade do conhecimento da dinâmica social, das relações sociais e da literatura em relação à vida social.

Destarte, esclarecendo o pensamento e pondo ordem nas idéias, em sua crítica à “inteligibilidade tradicional”, Antonio Cândido, sem fugir à realidade concreta, e sem se deixar levar pelas correntes nacionalistas, marxistas, desenvolvimentistas e populistas, geradas pelo clima histórico, faz sua rebelião contra as tradições do discurso inserido numa seqüência temporal definida da nossa cultura, através de uma produção teórica estruturada num radicalismo progressista.

Dessa forma, este estudo, partindo dos depoimentos e da própria obra de Antonio Cândido, buscou apreender seu pensamento, cujo componente fundamental é reconhecido, originalmente, em sua crítica literária. É a partir dela que se verifica uma evolução coerente e equilibrada de sua visão estética do fenômeno literário, que explica sua postura de crítico radical frente aos problemas da criação literária e do relacionamento dela com a sociedade.

### **Raízes de sua produção teórica**

A produção teórica de Antonio Cândido, partindo de uma matriz culturalista, teve orientações metodológicas distintas.

Com ele próprio afirma, seu trajeto teórico passou por três etapas principais: “Numa primeira etapa, vista de hoje, percebe-se que eu estava preocupado sobretudo com a busca de condicionamentos; para ser mais exato, a busca de causas. Assim, no nível da ‘explicação’, as obras literárias me interessavam na medida em que estavam ligadas a determinado sistema de condicionantes do meio, e na medida em que influíam umas sobre as outras sobretudo na dimensão do tempo. Como estão vindo, no fundo uma visão positivista da cultura, que era também do marxismo reinante por aqui. No meu tempo de moço, pode-se dizer que o marxismo era extremamente positivista, e nós o aprendíamos em livros de divulgação ou

polêmico, como o **Anti-Duhring**, o resumo do **Capital** feito por Gabriel Deville, **A História do Socialismo e das Lutas Sociais**, de Max Beer, **O Tratado de Materialismo Histórico**, de Bukarin. Resultava uma visão esquemática, aliás corrente no tempo do stalinismo, que se podia aproximar de uma visão positivista. O livro de Bukarin, que teve grande influência na minha geração, era bastante mecanicista. Se somarmos a isto a formação 'positivista' que tive na Faculdade ( não no sentido estrito de Augusto Comte, mas no da tradição universitária francesa de cientificismo na Filosofia ), entende-se o porquê dessa preocupação com a casualidade e os condicionamentos. Ela aparece no meu primeiro livro, que foi a minha tese: **Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero** ( 1945 ), onde formulei mais ou menos pontos de partida teóricos. Uma segunda fase, até certo ponto antitética, se desenvolveu por outras influências. De um lado, a Antropologia Social inglesa ( Malinowski, Radcliffe-Brown ); de outro, as idéias críticas de T. S. Eliot e o 'new criticism' americano. Eu me preocupava então com o problema da funcionalidade, isto é, não apenas com a seqüência temporal dos eventos ou das obras e seu encadeamento; não com o seu condicionamento, mas com a pertinência dos traços de determinado sistema. Isto se reflete na minha tese sociológica **Os Parceiros do Rio Bonito** ( 1954 ) e em **Formação da Literatura Brasileira**, publicado em 1959. Neste, nota-se o desejo de ver um sentido diacrônico combinado ao respeito pela visão sincrônica. Finalmente, distingo uma terceira fase, mais recente, onde a preocupação teórica se subordina ao interesse pela estruturação. Não pela estrutura propriamente dita; mas pela estruturação, isto é, o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento interno pertinente. A preocupação não é mais tanto o condicionamento quanto o próprio sistema. Não o sistema isolado, tomado em si, mas na medida em que é uma fórmula através da qual o externo se torna interno. O interesse pela funcionalidade leva ao interesse pela estrutura, num sentido diferente dos estruturalistas, pois o que se indaga é como a estrutura se estrutura. Talvez tenha havido aí alguma influência de Lukács, que li em traduções italianas no começo do decênio de 50. Mas posso dizer que não estava consciente dela quando pela primeira vez formulei em público aquela preocupação. Foi no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis ( SP ), em 1961. Como não ficou bem registrada nos Anais, publiquei uma formulação correta e mais completa no livro **Literatura e Sociedade**, de 1965. Cronologicamente, eu diria que a primeira etapa corresponde ao decênio de 40; a segunda ao decênio de 50 e a terceira ao decênio de 60."<sup>3</sup>

A partir dos anos 70, o pensamento crítico de Antonio Cândido não sofreu novo corte epistemológico, mas permaneceu em suas sondagens das estruturas literárias, que se integra na atenção dada aos fatores genéticos: "A minha preocupação atual é explorar diretrizes delineadas ( nas idéias firmadas na década de 60 ), sobretudo o interesse pela estruturação,

delineando uma redefinição dos elementos externos ao texto, por meio do conhecimento cada vez mais refinado dos seus elementos internos".<sup>4</sup>

Por essa fala "de dentro" de seu discurso e práxis literária, Antonio Cândido vem de se projetar como um crítico que se enquadra na definição proposta por Lukács: "Crítico é quem prova a experiência mais intensa perante o conteúdo da alma que as formas, indireta ou inconscientemente, escondem em si mesmas. A forma é a sua grande experiência; é como uma realidade imediata, o que há de figurativo e de verdadeiramente essencial em seus escritos".<sup>5</sup>

É a partir desse complexo de experiências, onde é marcante a tendência para o concreto e as situações como se apresentam que Antonio Cândido recusa o esteticismo, em seus excessos formalistas, muito embora fizesse por compreendê-lo como contrário ao antigo método histórico, que amiudou a literatura a simples etapa de uma investigação sobre a realidade.

Assim, na interpretação<sup>6</sup> do material estético do fenômeno literário, Antonio Cândido, privilegiando o contexto histórico, sem perder de vista a essencialidade de sua propositura, vai considerar a obra literária enquanto realidade própria, e estabelecer a relação inextricável, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público.

Desse prisma, seu trabalho interpretativo, em busca de um traçado explicativo, vai-se basear na descoberta da coerência<sup>7</sup> das produções literárias, através dos processos analíticos, e, também, através da investigação e da intuição, nascida das sugestões que a leitura lhe forneceu; de onde sairá, afinal, a avaliação.

### Aspectos metodológicos de sua crítica literária

Os pressupostos de seu trabalho crítico são encontrados em seus livros **Formação da Literatura Brasileira** e **Literatura e Sociedade**.

Antonio Cândido parte de um critério histórico-sociológico, segundo o qual a literatura é um fenômeno de civilização; é um "sistema de obras ligadas por denominadores comuns"<sup>8</sup> que são "além das características internas ( línguas, temas, imagens ), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização".<sup>9</sup>

Esses elementos de natureza social são os produtos literários ( autores ), os receptores ( públicos ), o transmissor ( língua ), e do conjunto dos três elementos surge "um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob esse ângulo, como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens e de interpretação das diferentes esferas da realidade".<sup>10</sup>

Assim, a literatura é reduzida a uma forma de conhecimento, a instrumento de comunicação de um sistema social, deixando de ser apenas arte, cujo papel seria o de proporcionar prazer estético.

E a literatura, como fenômeno de civilização, existirá quando houver reais condições de civilização em torno, de modo que propicie o agrupamento e o entrosamento entre a literatura e a sociedade. Enquanto não houver essas condições sociais as obras serão apenas "manifestações literárias" isoladas. Mesmo em se tratando de obras de valor, pois "elas não são representativas de um sistema, significando quanto muito a seu esboço".<sup>11</sup>

De acordo com Antonio Cândido, "em fases iniciais é freqüente não encontrarmos esta organização dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse por elas".<sup>12</sup>

Destarte, segundo Antonio Cândido, a literatura deve ser compreendida "como sistema articulado, dependente da existência do triângulo 'autor-obra-público' em interação dinâmica e de uma certa continuidade da tradição".<sup>13</sup>

E ao considerar a literatura "expressão da realidade local", Antonio Cândido tenta apreender o fenômeno literário de maneira significativa e completa, auscultando o sentido de um contexto cultural, e procurando estudar cada autor na sua integridade estética.

Para ele, a obra literária tem uma realidade própria, "é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários, impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. No limite, o elemento decisivo é o que permite compreendê-la e apreciá-la, mesmo que não soubéssemos onde, quando, e por quem foi escrita. Esta penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese, constitui a sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não-literários".<sup>14</sup>

Sob essa ótica, a literatura torna-se "um conjunto de obras, não de fatores, nem de autores".<sup>15</sup> E assim, a principal preocupação do crítico será distinguir "o elemento humano anterior à obra e o quê, transfigurado pela técnica, representa nela o conteúdo propriamente dito".<sup>16</sup>

Antonio Cândido importa-se em verificar o que o texto realmente exprime: "A pesquisa da vida e do momento vale menos para estabelecer uma verdade documentária, freqüentemente inútil do que para ver, se nas condições do meio e na biografia há elementos que esclareçam a rea-

lidade superior do texto, por vezes, uma gloriosa mentira, segundo os padrões usuais".<sup>17</sup>

Desta forma, partindo da premissa de que todo comportamento humano tem caráter de estrutura significativa que o pesquisador deve ressaltar, Antonio Cândido apóia-se nos métodos da sociologia estruturalista genética.<sup>18</sup>

Para Antonio Cândido, o que interessa principalmente analisar "são os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida, artística, como causa ou consequência. Neste sentido, a própria literatura hermética apresenta fenômenos que a tornam tão social, para o sociólogo quanto a poesia política ou o romance de costumes, como é o caso do desenvolvimento de uma linguagem pouco acessível, com a consequente diferenciação de grupos iniciados e efeitos positivos e negativos nas correntes de opinião. Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam, conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio".<sup>19</sup>

Portanto, segundo Antonio Cândido, são decisivos, para a análise literária, os fatores sociais, no seu papel de formadores de estrutura, e também os psíquicos.

E é a concepção da obra como organismo que vai permitir, "no seu estudo, levar em conta a variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam; pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fator se torna componente essencial do caso em foco, não podendo a sua legitimidade ser contestada nem glorificada a priori".<sup>20</sup>

Daí a necessidade de se compreender a criação literária na sua função total no conjunto da sociedade que a produz.

"Ora, tanto quanto sabemos — comenta Antonio Cândido — as manifestações artísticas são coexistivas à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois como vimos, são elas uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São, portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e de integração que não é possível reduzir a impulsos margi-

nais de natureza biológica (...). O seu caráter mais peculiar, do ponto de vista sociológico, com importantes conseqüências no terreno estético, consiste na possibilidade que apresentam, mais que outros setores da cultura, de realização individual. Isto permite, ao mesmo tempo, uma ampla margem criadora e a possibilidade de incorporá-la ao patrimônio comum, fazendo do artista um intérprete de todos, através justamente do que tem de mais seu".<sup>21</sup>

Ao fazer a literatura dependente da situação da cultura, e esta da estrutura social, Antonio Cândido refere-se, também, ao subdesenvolvimento e à dependência, como variáveis fundamentais para se entender o fenômeno literário.

Explica, assim, certas características estruturais e sociais da nossa cultura por essas duas variáveis: "sua situação dependente das culturas metropolitanas e dos países industriais, e sua incipiente expansão interna, que só se mantém relacionada a certos setores urbanos minoritários, e (...) a constância do realismo e do regionalismo porque, diferentemente da literatura européia, na qual o escritor produz em outras condições, as condições de subdesenvolvimento, na América Latina, impõe-lhe à consciência uma série de temas e de estímulos que terá forçosamente de elaborar."<sup>22</sup>

Foi essa compreensão profunda da dinâmica estrutural do fenômeno literário, que permitiu a Antonio Cândido empreender, sob a égide do estruturalismo genético, um modelo teórico de pesquisas para explicitar o conceito do valor estético do fenômeno literário, em geral, e do valor literário da obra, em particular.

Tal método operativo, para o estudo do fenômeno literário, concorre para a explicação do seu radicalismo ?

O arcabouço formal e temático de suas obras e seus últimos depoimentos conduzem para a afirmativa.

## Conclusão

Como se pretendeu demonstrar, dentro de um contexto historicamente definido, a postura de Antonio Cândido — cuja tendência para o concreto é bem marcante — é de um crítico que, frente ao fenômeno literário, faz uma revisão radical das teses já consagradas.

Entendendo a literatura como "reorganização do mundo em termo de arte",<sup>23</sup> explica o fenômeno literário como fenômeno social, dependente da situação da cultura, que depende, por sua vez, das variações da estrutura social.

Assim, para ele, "o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estru-

tura superando-se deste modo o hiato freqüentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas.”<sup>24</sup>

Antonio Cândido, projetando-se como intelectual radical contra o nacionalismo deformante, não pretende — como disse alguns Lucien Goldmann sobre os sociólogos da literatura — apenas compreender a literatura a partir da sociedade, quer também compreender a sociedade a partir da literatura.

O sentido e a significação de sua obra, dentro da circunstância de nosso tempo, é de uma crítica contínua, que sugere uma filosofia “do **contra**”, aberta, contudo, à continuidade do diálogo.

## NOTAS & REFERÊNCIAS

(1) NEME Mario ( org. ) “Plataforma da Nova Geração” ( depoimento de Antonio Cândido ), Porto Alegre, Ed. Globo, 1945, apud Carlos Guilherme Mota, **Ideologia da Cultura Brasileira**, Ed. Ática, Col. Ensaios, 30, 1977, p. 130.

(2) *Ibidem*

(3) CÂNDIDO, Antonio, depoimento prestado ao grupo da Revista **Trans/Form/Ação**, da FFCL, Assis ( SP ), nº 1, 1974, pp. 10 — 11.

(4) *Ibidem*.

(5) LUKÁCS, Georg, “L’Anima e le Forme”, trad. de Sérgio Bologna, 1963, p. 29, apud Miguel Reale, **Experiência e Cultura**, Ed. Grijalbo/EDUSP, 1977, p. 266.

(6) “**Interpretar** é, em grande parte, usar a capacidade de arbítrio; sendo o texto uma pluralidade de significados virtuais, é definir o que se escolheu entre outros. A este arbítrio o crítico junta a sua linguagem própria, as idéias e imagens que exprimem a sua visão, recobrando com elas o esqueleto do conhecimento objetivamente estabelecido”. ( Antonio Cândido, **Formação da Literatura Brasileira**, SP, Ed. Martins, 4ª ed., 1959, p. 39 ).

(7) “Por **coerência**, entende-se aqui a integração orgânica dos diferentes elementos e fatores ( meio, vida, idéias, temas, imagens etc. ), formando uma diretriz, um tom, um conjunto, cuja descoberta explica a obra como fórmula, obtida pela elaboração do escritor. É a adesão recíproca dos elementos e fatores, dando lugar a uma unidade superior; mas não se confunde com a simplicidade, pois uma obra pode ser contraditória sem ser incoerente, se as suas condições forem superadas pela organização formal”. ( *Ibidem*, p. 38 ).

(8) *Ibidem*, p. 23.

(9) *Ibidem*, p. 23.

(10) *Ibidem*, pp. 23 — 24.

(11) *Ibidem*, p. 24.

(12) *Ibidem*, p. 24.

(13) *Ibidem*, p. 16.

(14) *Ibidem*, p. 34.

(15) *Ibidem*, p. 35.

(16) *Ibidem*, p. 36.

(17) *Ibidem*, p. 36.

(18) “O **estruturalismo genético** parte da hipótese de que, todo o comportamento humano é uma tentativa para dar uma resposta significativa a uma situação particular e tende, por isso mesmo, a criar um equilíbrio entre o sujeito da ação e o objeto sobre

o qual ela se exerce, o mundo ambiente. Essa tendência para o equilíbrio conserva sempre, porém, caráter falível e provisório, na medida em que todo o equilíbrio mais ou menos satisfatório entre as estruturas mentais do sujeito e o mundo exterior redundando numa situação em que o comportamento dos homens transforma o mundo e onde essa transformação torna o antigo equilíbrio insuficiente e gera uma tendência para um novo equilíbrio que, por sua vez, será ulteriormente superado. Assim, as realidades humanas apresentam-se como processo bilaterais: desestruturação das estruturas antigas e estruturação de novas totalidades, aptas a criarem equilíbrios que poderão satisfazer às novas exigências dos grupos sociais que as elaboram. Nessa perspectiva, o estudo científico dos fatos humanos, quer sejam econômicos, sociais, políticos ou culturais, implicam o esforço do esclarecimento desses processos, destacando, ao mesmo tempo, os equilíbrios que eles desfazem e aqueles em cujo sentido se orientam". ( GOLDMANN, Lucien, **Sociologia do Romance**, Rio, Ed. Paz e Terra, trad. Álvaro Cabral, 1967, p. 204 ).

(19) CÂNDIDO, Antonio, **Literatura e Sociedade**, SP – Cia. Editora Nacional, 1976, 5ª edição, p. 21.

(20) *Ibidem*, p. 15.

(21) *Ibidem*, p. 70.

(22) LOSADA, Alejandro, "Os Sistemas Literários como Instituições Sociais na América Latina", In: Revista **Contexto**, nº 2, março de 1977, p. 45.

(23) CÂNDIDO, Antonio, **Literatura e Sociedade**, p. 179.

(24) *Ibidem*, p. 192.